

ROBERT BRYNDZA

**TESTEMUNHA
FATAL**

ROBERT BRYNDZA

TESTEMUNHA
FATAL

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Prólogo

SEGUNDA-FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 2018

A batida na porta da frente foi suave, quase tímida. Por isso, não pensou em deixar a corrente posta. Quando abriu a porta, o homem estava muito perto e parecia cheio de raiva malcontida. Antes que ela tivesse tempo de reagir, ele enfiou as mãos enluvadas pela fresta e, com a rapidez de um relâmpago, agarrou-lhe na cabeça, pondo-lhe uma mão sobre a boca e a outra sobre a nuca. Erguendo-a do chão, impulsionou-se através da soleira e para dentro.

As luvas eram pretas e de cabedal macio e maleável, mas as mãos dentro delas pareciam de ferro. Inclinou-lhe a cabeça para trás enquanto a arrastava, e a única coisa que ela via era o teto. O corpo do homem sacudiu-se enquanto fechava a porta com um pontapé. A mão na sua nuca agarrava-lhe num tufo do cabelo, a outra esmagava-lhe o nariz. O choque deixou-a desengonçada, como uma boneca de trapos, e ele atirou-a para cima do pequeno sofá-cama.

Ela ficou ali, atordoada, a olhar para ele. Não demorara mais de três segundos.

– Grita e mato-te. Comprendes? – avisou-a. Ela não teve tempo de responder. O homem ergueu-se sobre ela, a cheirar a suor e a *aftershave* ordinário, e deu-lhe um murro na cara. A cabeça dela retesou-se, e o seu lado esquerdo ficou dormente, quente e frio. A cama rangeu no silêncio e ele pôs-se em cima dela, arrastando-se pelo seu corpo acima, o cheiro a ficar mais forte... Avassalador.

O seu punho investiu de novo contra ela, e desta vez tudo explodiu em estrelas e num negrume brilhante.

Quando recuperou os sentidos, não sabia quanto tempo passara. Encontrava-se deitada de barriga para baixo e tinha as mãos amarradas com tanta força atrás das costas que parecia que lhe arrancavam os ombros das articulações. Uma fita espessa tapava-lhe a boca e uma das narinas. A boca estava cheia de tecido, enfiado bem fundo e encostado à parte de trás da garganta. Arquejou e tentou engolir.

As cortinas haviam sido fechadas e a sala estava escura. A porta que ligava a sala ao quarto encontrava-se entreaberta, e ela conseguia vê-lo, através dessa fresta, a enfiar uma pilha de cadernos numa mochila. Trazia aquela pequena mochila desportiva azul quando lhe abria a porta. Parecia estranho, com as correias por cima do casaco do elegante fato às riscas. Tentou novamente engolir, mas o material na boca pressionava-lhe o fundo da garganta. Fáz-la-ia vomitar e ia sufocar. Mudou de posição. Sentiu um momento de euforia ao descobrir que ele não lhe amarrara as pernas.

Moveu-se e os seus olhos perscrutaram a sala de estar e a cozinha. *Uma faca.* Tinha de chegar a uma faca. Voltou a olhar pela porta entreaberta. Ele procurava qualquer coisa... tirava livros da estante, vasculhava gavetas. Descobriu os seus dispositivos USB e enfiou-os na mochila. Era ela quem estava amarrada, mas ele parecia assustado. Tinha de agir enquanto ele estava distraído.

Ao mover a cabeça, o material enfiado na sua boca pressionou-lhe as amígdalas, e engasgou-se. O sangue palpitava-lhe pelo corpo e fazia-lhe arder o hematoma no rosto. Enquanto se arrastava até à beira do sofá-cama, o fino colchão inclinou-se e perdeu o equilíbrio, rebolando e atingindo o chão com um baque, caindo sobre o lado inchado da cabeça.

O som ecoou pelo soalho, mas ele não se apercebeu, obcecado por algo, ainda concentrado no computador em cima da secretária, a escrever qualquer coisa.

Fez um grande esforço para se levantar; arrastou-se até à parede, encostou-se a ela e pôs-se de joelhos, tentando controlar a súbita necessidade de vomitar sempre que a mordalha lhe enchia a garganta. Custava-lhe respirar, e teve de parar duas vezes.

Quando se conseguiu erguer, cambaleante, no meio da sala, sentiu-se triunfante. Apressou-se a contornar o sofá-cama, com passos vacilantes. Havia uma caixa de *Scrabble* à beira da mesa baixa encostada à parede com a televisão, e sentiu a perna bater nela. A caixa balançou, mas ela não podia estender a mão para a empurrar para trás. Caiu com estrépito, espalhando as peças pela alcatifa.

Ele continuava à secretária, a escrever qualquer coisa. A cozinha ficava a poucos metros e viu o bloco de facas ao lado do forno.

Tinha oito facas, mas a bancada estava instalada a uma altura acima da sua cintura, e com as mãos amarradas não conseguia alcançá-la.

Tinha de se debruçar e prender o bloco de facas sob a axila. Torcendo o corpo, encostou-se à bancada e esticou-se para cima dela. Os braços gritaram de dor ao erguê-los. Tinha algum movimento nos braços amarrados; moveu-os para a esquerda e, usando o intervalo entre o lado esquerdo do corpo e o braço, tentou agarrar o bloco, mas não conseguiu segurá-lo.

Insistiu, a suar devido ao esforço, e houve um par de vezes em que a dor se tornou tão forte que viu estrelas. À quarta tentativa, prendeu o braço à volta do bloco de facas e este caiu para a frente contra a orla da bancada com um forte estrondo.

As facas estavam agora na horizontal, quase ao nível da bancada. Com uma súbita esperança, virou-lhes costas e tentou agarrar uma delas.

A mão fechou-se sobre o cabo da longa faca de trinchar...

– Não, não, não – disse uma voz.

Ele estava junto à bancada a observá-la. Ela deu um passo em frente, ainda a segurar a faca, e ouviu o suave deslizar da lâmina a sair do bloco. Apertando-a na mão, virou-se e recuou na direção dele com a faca estendida. Não foi rápida o bastante e ele desviou-se. Ela tropeçou, caiu para trás e aterrou dolorosamente sobre as mãos amarradas e o cabo da faca.

– Não me vais deixar em paz, pois não? – perguntou ele, avançando para ela. A voz era grave e controlada. Ela gritou e esperneou, mas ele agarrou-lhe nas pernas, levantou-a do chão e atirou-a de novo para cima do sofá-cama.

Pegou na faca e ela viu-o olhar em volta, planeando o que fazer. Agarrou no fundo da estrutura dobrável e inclinou-a para cima, elevando-lhe as pernas. Então sentiu o peso dele enquanto a dobrava dentro do colchão, a estrutura metálica a esmagá-la. Tornou a dobrar o colchão e pressionou-a com o próprio peso. Sentiu um rugido de dor quando os ombros lhe saltaram das articulações e os joelhos ficaram junto à cabeça. A mordaca desceu-lhe pela garganta, esmagando-lhe a traqueia.

Então a faca cravou-se nas suas costas, rasgou-lhe o lado da face, enterrou-se na sua anca e depois no estofado carnudo do músculo da barriga da perna. O homem cravava-a através do colchão.

Não conseguia respirar, e as punhaladas frenéticas continuavam, com a faca a enterrar-se no seu corpo enquanto era esmagada entre o colchão dobrado.

Queria que a morte chegasse depressa, mas os três longos minutos até que o seu desejo fosse concedido tornaram-se uma eternidade.

1

A inspetora-chefe Erika Foster encontrava-se de pé na sala de estar vazia de uma devoluta casa geminada vitoriana. Junto à janela da frente, um sombrio entardecer cinzento de outubro refletia-se no vidro. Parte do soalho estava podre e uma mancha amarela de humidade atravessava o teto até à parede e continuava a descer, formando bolhas no papel floral desbotado. Uma lâmpada exposta lançava uma ténue luz de quarenta *watts*. O telemóvel tocou entre as dobras do seu sobretudo de inverno e Erika pegou-lhe. Era a irmã, Lenka.

– Erika. Tentei ligar via FaceTime – disse Lenka, no seu eslovaco nativo.

– Ainda não o instalei no telemóvel novo – respondeu Erika, o que era verdade. Passou o telemóvel para o outro ouvido e puxou a gola para cima a fim de se proteger do frio.

– Então como vão as coisas na casa nova?

– Bem. A empresa de mudanças já entregou todas as minhas caixas e... – A voz esmoreceu-lhe enquanto olhava em volta, tentando imaginar como faria com que aquilo parecesse uma casa. Um estertor agudo ecoou através das paredes.

Erika saiu da sala para o corredor, os sapatos a ecoar no soalho nu. Meia hora antes, aumentara o termóstato para os trinta graus, e o aquecimento central parecia em agonia, mas incapaz de aquecer a casa.

Fez-se silêncio, e depois o estrépito dos canos recomeçou, descendo do patamar escuro mais acima.

– Que barulho é esse? Podes ligar-me por Skype?

Erika olhou para o corredor cheio de caixas. A sua identificação e o seu rádio da polícia estavam equilibrados na caixa da ponta. Porque pensara ela que podia viver sem comodidades? Não tinha cama, e a mobília era escassa. Sabia que devia ter pedido ao senhorio para ficar mais um mês no apartamento arrendado, fazendo entretanto algumas obras para tornar a casa habitável. Era essa a principal razão pela qual não queria mostrá-la à irmã.

– Lenka, também não tenho Skype. E o meu computador está enterrado numa caixa algures.

– Pensava que tínhamos combinado que me ias mostrar a tua nova casa. Pagaste imenso por ela... Não sei como vivem as pessoas em Londres com as coisas tão caras. E agora vem aí o Brexit. Será a melhor altura para comprares a tua primeira casa? – Ouvia-se um derradeiro tinido agudo e depois a caldeira calou-se. – Vejo constantemente nas notícias que vão começar a expulsar os europeus do Leste.

– Não vou ser expulsa. Sou agente da polícia e tenho dupla nacionalidade – disse Erika. Lenka emitiu um som, algures entre um grunhido e um resfolegar.

– Podes ao menos mandar-me a morada e assim envio-te um presente para a nova casa?

– Sim. Dava-me bastante jeito um aquecedor.

Erika sabia que um presente era a última coisa em que Lenka pensava. Queria a morada para a poder pesquisar na Internet.

– Como se chama a zona?

– Blackheath. – Erika regressou à sala e pôs a mão no velho radiador sob a janela saliente. Sentiu um ligeiro calor através do metal frio. Não tinha cortinas, e viu o seu reflexo no vidro. Tinha um metro e oitenta e sempre fora magra, mas notou que parecia particularmente descarnada e abatida. Os curtos cabelos louros espetavam-se em tufos desgrenhados. Dirigiu-se à parede, apagou a luz e olhou através da janela para a escura vastidão da charneca em frente. Uma fila de candeeiros iluminava a estrada que a atravessava a meio, projetando poças laranja sobre a erva enfezada.

– Tem algum significado, Blackheath? – perguntou Lenka.

Erika suspirou.

– Sim, *heath* significa charneca, um pedaço de terreno semisselvagem, e... – Hesitou. – E é *Black*, ou negra, porque aparentemente foi usada como vala comum depois da peste negra.

– Há cadáveres *enterrados* aí?

– Aparentemente.

– Não lidas com cadáveres suficientes a trabalhar nos homicídios?

– Não é assim. Fica numa zona encantadora. Com lojas independentes e bares.

– E uma vala comum à porta! – exclamou Lenka, resfolegando.

– Nunca irão construir nada em cima, por isso, terei sempre uma vista desimpedida – disse Erika, repetindo o que o jovem agente imobiliário lhe dissera, com uma expressão impávida. – É perto do trabalho, e o meu colega, o meu amigo, Isaac vive ao virar da esquina. Lembras-te do Isaac?

– O cangalheiro *gay*?

– Não é cangalheiro. É patologista forense.

– Erika, como irás arranjar um namorado se te rodeias de mortos e de *gays*?

– Lenka, eu não quero um namorado, e não me rodeio de *gays*. É um amigo, seja como for. Isto é um novo começo. Vendi a casa em Manchester e, após demasiado tempo a arrendar aqui, em Londres, comprei a minha própria casa. Sinto por fim que estou a avançar desde... – A sua voz esmoreceu. Ia dizer *desde que o Mark morreu*. O marido de Erika, Mark, também era agente da polícia. Falecera em serviço quatro anos antes, durante uma rusga que correrá mal. Alguns meses após a sua morte, Erika assumira um posto em Londres. Tinham sido quatro anos difíceis, a nível pessoal e profissional, mas comprar aquela casa, apesar de todos os seus defeitos, parecia-lhe verdadeiramente um novo começo.

– Estás feliz? – perguntou Lenka, num tom mais suave.

Erika teve de pensar por um momento.

– Não propriamente, mas é o mais perto que me sinto da felicidade em muito tempo. Escuta, vou configurar o telemóvel novo para podermos falar por videochamada. Mas há muito trabalho a fazer na casa, e o jardim está uma confusão.

- Não te vou julgar. Estou só interessada em vê-la.
- Vou cobrar-te isso. Dá cumprimentos meus aos miúdos e ao Marek.

Após desligar, Erika encontrou um gorro de lã no bolso do casaco e pô-lo. Ao fundo das escadas, pendia uma lâmpada, mas a luz não chegava ao patamar acima. Prosseguiu ao longo do corredor, passando pelas caixas e pela porta de uma pequena casa de banho, que mantinha fechada. Quando a acompanhara na segunda visita à casa, Isaac comentara que a casa de banho lhe lembrava o filme *Trainspotting*, e que estava meio à espera de ver um jovem Ewan McGregor rastejar para fora da sanita.

A cozinha parecia ter sido decorada pela última vez algures nos anos 1970. Havia uma pequena superfície de madeira com um grande lava-loiça debaixo da janela, e o novo frigorífico combinado de Erika zumbia ao canto, deslocado contra as paredes amareladas. Até ao momento, Erika desembalara apenas uma chaleira, o micro-ondas e um par de canecas de café. A ideia de vasculhar por entre caixas em busca de pratos e utensílios e depois aquecer algo na cozinha suja era demasiado. Havia uma loja de peixe e batatas fritas duas ruas atrás, e eram quase oito da noite, por isso decidiu ir comer qualquer coisa.

Quando saiu, as ruas estavam vazias e pairava uma bruma no ar. Erika baixou a cabeça e puxou a gola para cima enquanto se dirigia à loja. Um calor delicioso e o cheiro a peixe frito envolveram-na assim que atravessou a porta. Era uma loja britânica à antiga, com uma enorme fritadeira prateada. A longa bancada em fórmica verde estava pontilhada por grãos de sal e respingos de vinagre, e havia dois enormes frascos de ovos em conserva junto à caixa registadora, bem como garrafas de vinagre e *ketchup*. Erika pediu uma dose grande de bacalhau com batatas fritas e uma lata de bebida de dente-de-leão e bardana, e comeu diretamente do papel, sentada a uma das cabinas junto à montra. Lá fora, a estrada mostrava-se tranquila e a bruma parecia adensar-se. Os outros clientes tinham levado a comida para casa, pelo que estava sozinha.

Erika baixou os olhos para a lata com a bebida de dente-de-leão e bardana. Era um refrigerante diferente dos outros. Mark apresentara-lho quando se mudara para o Reino Unido, tal como

o peixe com batatas fritas. Olhou para a lata. Quatro anos depois da sua morte, tudo parecia continuar a conduzir a ele. Veio-lhe à mente outra memória desse dia fatídico, de Mark estendido ao seu lado, a esvair-se em sangue devido ao ferimento de bala. Fechou os olhos. Nunca tinham apanhado o autor do disparo. Não fora apenas Mark a morrer. Ao todo, cinco dos colegas haviam sido mortos. A sua equipa. Levou a mão ao pescoço e sentiu a cicatriz no local onde fora alvejada. A pergunta de Lenka voltou-lhe ao pensamento.

Estás feliz?

Erika olhou para o delicioso peixe com batatas fritas e pensou na casa devoluta que era sua. Sentia-se satisfeita. Talvez pudesse deixar a felicidade para segundo plano por enquanto e contentar-se com estar simplesmente satisfeita.

Passava pouco das oito e meia quando saiu da loja. O nevoeiro era agora gelado, cobrindo a superfície do asfalto com poeira branca. No regresso, ainda nova na região, virou no sítio errado e deu por si numa estreita rua de casas geminadas onde alguns dos candeeiros estavam fundidos. Enquanto descia, reparou em como as casas pareciam elegantes e olhou, pesarosa, para a sua alvenaria areada e as janelas de guilhotina com vidros duplos.

A meio da rua, havia um intervalo, e um moderno bloco de apartamentos de betão afastava-se da estrada, com um pequeno e impecavelmente cuidado jardim. As luzes estavam apagadas em todas as janelas, mas à sua passagem acendeu-se uma luz na janela do piso térreo. Um forte e horripilante grito fez Erika parar de forma brusca.